

“Discussão é precipitada”

Arquivo 16.9.88

Os representantes de partidos políticos e parlamentares do DF consideram precipitada qualquer discussão sobre a disputa ao Governo do Distrito Federal (GDF), apesar de o governador Joaquim Roriz já ter dado a largada, confirmado que é mesmo candidato em 1990. A justificativa é unânime: só depois de definida a eleição presidencial, os partidos terão condições de avaliar qual candidato, e até mesmo coligação, tem melhor condição de enfrentar as pressões de um Governo Federal recém-empossado, que se empenhará ao máximo para não ter oposição na cidade-sede.

O senador Maurício Corrêa (PDT), um dos “candidatos naturais”, sequer pensa em retirar sua candidatura, calcada nos 187.638 votos que obteve nas eleições de 1986 — o senador mais votado no DF. Mesmo assim, reconhece que é “fundamental” garantir a eleição de Leonel Brizola para poder iniciar, de vez, a sua campanha ao Palácio do Buriti.

O mesmo ocorre no PT local, que aponta o professor Lauro Campos como “o nome que tem mais condições de chegar ao GDF”. O presidente do diretório regional, Orlando Cariello, acha que antes de se discutir quem é o candidato do partido às eleições de 1990 é necessário vencer dois obstáculos: “Eleger Lula e criar algum mecanismo legal que impeça que o mandato-tampão seja cumprido por um governador bônico”. Explica que o PT não “aceita mais bônico” e, por isso, fará pressões para que a Comissão do Distrito Federal no Senado aprove um projeto regulamentando um referendo popular ou eleição para aquele que vier a ocupar o GDF de 15 de março de 1990 a 1º de janeiro de 1991.

Coligações

O deputado Geraldo Campos,



Maurício: “Primeiro Brizola”

do PSDB, acha que a discussão não é tão simples assim e por isso não pode ser precipitada. Explica que, dependendo do eleito à sucessão do presidente José Sarney, não só os nomes dos “candidatos naturais” poderão ser revistos, como também os partidos poderão optar por coligações.

No PCB existe o nome do professor Carlos Alberto, que foi candidato ao Senado em 1986. Para o deputado Augusto Carvalho, o fato de Carlos Alberto ser o “candidato natural” não é suficiente para “garantir que ele será candidato no ano que vem”. Na sua opinião, se Collor de Mello ou qualquer outro que represente as “forças de direita” for eleito Presidente, uma coligação de esquerda será “inevitável” para assegurar a participação no 2º turno da eleição (Carmen Kozak)